

ARQUEOLOGIA NA REPRESSÃO: FERNANDO LA SALVIA E A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

RAQUEL PEREIRA BRAGA¹; RAFAEL CORETELETTI²

*¹Mestranda Programa de Pós-Graduação em Antropologia/ Concentração Arqueologia - UFPel –
keka_castilhos@outlook.com*

²Professor Programa de Pós-graduação em Antropologia UFPel – rcorteletti@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Arqueologia Brasileira passou, nas décadas de 1960 e 1970, por um desenvolvimento sem precedentes. O PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas — se propôs a formar arqueólogos brasileiros (um seleto grupo) e a desenvolver trabalhos em escala nacional, fornecendo as primeiras sínteses sobre a ocupação do território brasileiro. Esse Programa era chefiado por dois estrangeiros, estadunidenses, com investimento brasileiro e norte-americano. Os paradigmas teóricos e metodológicos da Arqueologia Brasileira do período foram ditados pelo PRONAPA, mesmo para aqueles que não participaram dele. Foi o caso de Fernando La Salvia, professor da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

La Salvia teve uma importante parceria com Pedro Schmitz da Universidade do Vale do Rio do Sinos -UNISINOS, que dirigia um programa de pesquisas arqueológicas no estado, com grande proximidade com os idealizadores do PRONAPA. Juntos empreenderam pesquisas pioneiras como o primeiro estudo sistemático das chamadas “casas subterrâneas”, que revelaram a ocupação indígena milenar no território de Caxias do Sul. La Salvia participou ativamente dos debates de seu tempo, contribuiu com artigos, estava em constante comunicação com os colegas de todo o país, participou de importantes eventos. O acervo que foi resultado das pesquisas é, em sua grande maioria, formado por artefatos indígenas. La Salvia entrou na Universidade em 1967 e saiu em 1974, terminando também a pesquisa arqueológica na UCS por muitas décadas.

No entanto, toda essa efervescência causa certo estranhamento se a conjuntura da época for considerada: uma ditadura civil-militar. Enquanto liberdades democráticas eram cerceadas, universidades expurgadas e cientistas exilados ou “aposentados” compulsoriamente, a Arqueologia virava profissão no Brasil. Essa questão, no entanto, não foi razão de grandes sínteses e pesquisas. As revisões sobre o que foi produzido nesse período se limitaram, em sua maioria, aos paradigmas teóricos e não ao contexto social da produção de conhecimento. Algumas foram meramente descritivas sem análise alguma e sequer citam a ditadura, tal como PROUS (2019). Houve esforços pontuais em tentar compreender como a teoria foi influenciada no período, uma tentativa a partir do político em FUNARI (1989;1999) e BARRETO (1998;1999) que faz um contraponto. DIAS (1995) é o único trabalho que tenta analisar esse período é bem pontual. De fato, não existe uma produção de fôlego ou um campo para discussão específico semelhante a abordagem proposta.

Esse trabalho busca, justamente, analisar as relações políticas, ideológicas e econômicas que permearam o desenvolvimento da pesquisa arqueológica na Universidade de Caxias do Sul. É um trabalho reduzido em escopo, no entanto, é um esforço para que se possa fazer uma história da Arqueologia no Brasil que vá

além dos apontamentos sobre limitações teóricas. A pesquisa procura compreender como foi possível esse processo, levando em consideração também a relação indissociável entre teoria, prática e interesses de classe rompendo com a ideia de neutralidade da produção de conhecimento. Por fim, pensar o legado de La Salvia e da Arqueologia da UCS para a disciplina no geral, especialmente no que diz respeito a História Indígena.

Esse trabalho utiliza uma abordagem multidisciplinar que envolve História, Arqueologia e Sociologia para dar conta da análise do tema por vários aspectos. A multidisciplinaridade é uma ferramenta poderosa para realização de pesquisas, o diálogo entre as áreas do conhecimento propicia sínteses ricas que superam limitações das disciplinas se vistas em separado.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está em andamento e consiste em análise de fontes documentais encontradas na própria Universidade de Caxias do Sul que abarcam, cartas, relatórios, material de campo, jornais. Além disso, os artigos produzidos por La Salvia, enquanto esteve na Universidade. Outros acervos também possuem material pertinente como no Arquivo Municipal de Caxias do Sul e no setor de memória da câmara de vereadores da mesma cidade. Esses acervos consistem em relatórios, notícias de jornal e citações em sessões da câmara no período.

O ponto de partida é historicizar, ou seja, colocar em perspectiva o tema, relacionando com os aspectos contextuais, em um recorte temporal o que propicia “uma visão comparativa a partir da qual problemas relativos à subjetividade, objetividade e acumulação gradual de conhecimento possam ser apreciados” TRIGGER (2004, p.1)

Partindo da ideia de que a Arqueologia esteve ligada à classe média e seus interesses TRIGGER (2004), a pesquisa procura compreender como esses interesses não somente influenciaram o desenvolvimento da Arqueologia, mas como fizeram avançar esses interesses de classe. Importante nesse aspecto é a ideia da Arqueologia como política por outros meios (MCGUIRE 2008). Independente da vontade, o arqueólogo, já que está inserido em uma sociedade de classes, tem sua prática influenciada por ela. Uma afirmação provocativa pensando que a definição do senso comum sobre política é que esta se refere a discursos e não as estruturas de poder que condicionam a ação e prática (GONZÁLEZ RUIBAL, 2012).

Compreender esses marcadores sociais na produção do conhecimento científico não é uma operação reducionista:

“que não visa de modo algum relativizar o conhecimento científico conformando-o e reduzindo-o às suas condições históricas, portanto, a circunstâncias localizadas e datadas, mas que pretende, muito pelo contrário, fazer com que os cientistas compreendam melhor os mecanismos sociais que orientam a prática científica e se tornem assim donos e senhores não só da natureza, velha ambição cartesiana, mas também, e não há dúvida de que é menos difícil, do mundo social em que se produz o conhecimento” (BOURDIEU, 2001,p.7)

Esse aparato teórico-metodológico multidisciplinar foi a escolha para tratar das fontes encontradas e dos objetivos propostos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que é possível inferir até o momento é que Fernando La Salvia era bem relacionado na Universidade e fora dela, sua iniciativa pessoal foi determinante para que o setor de Arqueologia surgisse na UCS. Chegou a ser superintendente e tinha uma proximidade com Mario Gardelin, vereador da ARENA. No entanto, essa relação não ficou ilesa aos problemas estruturais da Universidade, o setor sempre sofreu com cortes e falta de investimentos, em muitos momentos o próprio La Salvia teve que arcar pessoalmente com os custos das pesquisas. Esse “capital político” atingiu seu limite em 1973 quando a reitoria decidiu extinguir o departamento. Os detalhes desse processo ainda são nebulosos.

Se La Salvia era um apoiador aberto da ditadura não é possível confirmar, no entanto, é certo que em nenhum momento suas pesquisas questionaram os interesses da ditadura. É possível afirmar isso pois a UCS era vigiada pelo SNI (inteligência da repressão) e em nenhum momento ele foi motivo de relatório ou inquérito por conta das pesquisas. Querendo ou não, portanto, sua pesquisa estava alinhada com a ordem dominante.

Uma análise preliminar das pesquisas feitas por La Salvia parece indicar que seguia o modelo teórico-metodológico de seu parceiro de pesquisa Pedro Schmitz, portanto em consonância com as ideias correntes no período que vinham do PRONAPA.

Ainda existe muita documentação para analisar e novas fontes têm surgido dos arquivos que estão sendo organizados em Caxias do Sul. É preciso ainda aprofundar sobre a teoria e prática arqueológicas para determinar como os interesses de classe influenciaram na interpretação dos dados e quais interesses La Salvia tinha em sua condição de intelectual da classe média. A relação da UCS e da Arqueologia com a ditadura e a repressão também deve ser mais estudada. Por fim, uma análise mais detida de todo esse processo a partir da questão indígena, que permeou (querendo ou não) o trabalho de La Salvia, pode trazer mais informações importantes sobre a mentalidade da época.

4. CONCLUSÕES

O que foi feito até aqui é indicativo que é possível alcançar os objetivos da pesquisa. A inovação, da proposição de se fazer uma História da Arqueologia a partir de um olhar historicizante e provocativo em sua temática tem potencial de suscitar debates que podem trazer novos campos de pesquisa para a disciplina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, C. Brazilian archaeology from a Brazilian Perspective. **Antiquity**, 72: 573-81, 1998.

_____. Arqueologia Brasileira: uma análise histórica e comparada. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3: 201-212, 1999.

DIAS, A. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do Pronapa. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, V. 19 Nº 22, 1995._

FUNARI, P P A. Brazilian Archaeology and World Archaeology: some remarks. **World Archaeology bulletin**. v. 3, p. 60-68, 1989

_____. A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana. O caso brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3: 213-220, 1999._

GONZÁLEZ RUIBAL, A. Hacia otra Arqueología. Diez propuestas. **Complutum**. V. 23 (2), 2012. pp. 103-116._

MCGUIRE, R H. **Archaeology as political action**. Londres: University of California Press Ltd, 2008.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira: pré-história e os verdadeiros colonizadores**. Cuiabá-MT: Archeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Portugal: Edições 70, 2001.

TRIGGER, B G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.